

Oferta

Em 1986, ano do falecimento do meu pai, este livro ainda não tinha nascido, embora já estivesse semeado. Quando ele morreu, eu tinha quarenta anos. Era quase uma criança... Talvez por isso tenha sentido tanto a falta dele e tenha ficado zangadíssimo com a vida, que tão cedo o abandonou, mal tinha completado setenta anos.

Foram setenta anos de muito trabalho: o meu pai, alfaiate de profissão desde os dezassete anos, trabalhou quase todos os dias da sua vida das oito horas da manhã até cerca da meia-noite, salvo aos domingos, em que só trabalhava de manhã. Sempre com os olhos postos nos filhos, para quem projectou uma vida melhor que a dele.

A morte não lhe deu tempo para descansar um pouco e para gozar a felicidade de se realizar através dos filhos e dos netos.

Neste ano em que se completam trinta anos sobre a sua morte, dedico-lhe esta edição de um livro importante na minha vida, recordando-o com muita saudade e com todo o respeito, procurando honrar a sua memória e o seu exemplo de homem inteligente, honrado e trabalhador.

*António José Avelãs Nunes
Coimbra, Janeiro de 2016*

Breve nota de apresentação

Durante a preparação da minha dissertação de doutoramento – que eu previra concluir, o mais tardar, até finais de 1976 e que acabei por terminar apenas em meados de 1983: malhas que a Revolução de 25 de Abril de 1974 teceu... – vi-me obrigado a estudar o pensamento liberal no domínio da Economia Política, porque ele alimentava então a estratégia de intervenção do FMI nos países com dificuldades no plano do financiamento das suas economias e dos pagamentos internacionais, com destaque para os países da América Latina.

Os críticos desta estratégia de domínio por parte do FMI e das potências imperialistas que o comandavam (em especial os EUA) apontavam as suas baterias essencialmente contra o liberalismo, embora uma grande parte deles procurasse igualmente mostrar a inadequação dos modelos de inspiração keynesiana à compreensão da realidade dos países subdesenvolvidos e ao fundamento das políticas activas de combate ao subdesenvolvimento.

Por isso mesmo, comecei a ler Hayek, Milton Friedman e outros autores relevantes na área do pensamento liberal, ao mesmo tempo que ia aprofundando os meus conhecimentos sobre Keynes e o keynesianismo. Entendi então – e entendo hoje que não me enganei a este propósito – que, sem este esforço, não conseguiria avançar com segurança no estudo e no esclarecimento do tema que acabou por se me impor como tema de tese: Industrialização e Desenvolvimento – Economia Política do ‘modelo brasileiro de desenvolvimento’.

Inicialmente, pensei que esse estudo, para além de fortalecer as bases teóricas que facilitassem a minha própria compreensão da problemática em causa, poderia dar lugar a um capítulo da tese. Acontece que as notas que tomei, a reflexão que fiz e os textos que fui escrevendo acabaram por me obrigar a mudar os meus propósitos. Escrevi então, sobre keynesianismo e monetarismo, mais de trezentas páginas. Era impossível tentar incluir na tese estes textos. Pu-los de lado, como quem amalha com vista ao futuro.

Uns anos mais tarde, quando comecei a pensar em enriquecer o currículo para me apresentar a provas académicas tendentes a obter o título

de agregado, recuperei as folhas dactilografadas amarelecidas pelo tempo. Mostrei-as ao Doutor Teixeira Ribeiro, meu Mestre, Amigo e conselheiro, perguntando-lhe se, na opinião dele, aquele texto, depois de revisto, poderia servir para os propósitos que anunciei.

Ainda não tinha passado uma semana quando o Doutor Teixeira Ribeiro me chamou para me perguntar: mas você tinha isto escrito antes do doutoramento? É verdade, Senhor Doutor, respondi eu: não se vê pelo amarelo do papel? Homem, disse-me ele, faça lá a revisão que entender, mas despache-se, que esse texto está pronto para publicar. Tem o Boletim de Ciências Económicas à sua disposição.

Estávamos talvez em meados de 1989. A revisão pensada acabou por se revelar mais exigente do que eu tinha previsto, porque este debate entre keynesianos e monetaristas – que Paul Samuelson considerou o mais importante debate do século xx, no âmbito da ciência económica – esteve em primeiro plano desde meados da década de 1970 e deu origem a uma abundante literatura especializada. Por isso o livro só veio a público em 1991, nas páginas do *Boletim de Ciências Económicas*, com o título «O keynesianismo e a contrarrevolução monetarista».

É este texto que agora se publica de novo, num gesto de coragem e de amizade dos responsáveis pela Editora Página a Página, que devo sublinhar e agradecer. Cabe-me a responsabilidade de lhes ter dito que, a meu ver, a problemática aqui abordada não saiu de cena, uma vez que a contrarrevolução monetarista é a fonte de onde nasceu o neoliberalismo e o neoliberalismo continua a dominar as políticas das potências imperialistas dominantes e das agências ao serviço das políticas neoliberais de globalização financeira (FMI, OCDE, OMC, Comissão Europeia, Banco Central Europeu) que vêm sujeitando os trabalhadores e os povos de todo o mundo à ditadura do grande capital financeiro internacional e à prepotência dos gestores do capitalismo do crime sistémico.

Quem, no quadro da luta de classes – hoje tão viva, tão violenta e tão indistigável –, se coloca do lado dos trabalhadores e dos povos ‘colonizados’ pelo capital financeiro reconhece, estou certo disso, a importância crescente da luta ideológica como um dos campos da luta de classes. E reconhece também que só podemos combater os nossos adversários se os conhecermos bem.

Os leitores perdoar-me-ão a vaidade de pensar que este texto – escrito há quase 25 anos – pode ajudar-nos a desvendar, nos nossos dias, os propósitos que se escondem por detrás das máscaras com que os inspiradores e os operacionais da chamada «revolução conservadora» vão tentando encobrir a sua vontade de destruir o estado social e, com ele, os direitos e as liberdades fundamentais, procurando levar até ao fim o «fascismo de

mercado.» Os ‘clássicos’ do neoliberalismo têm a vantagem de não disfarçar as suas ‘razões’ e os seus fins últimos, procurando, pelo contrário, tornar claros uns e outros.

O ‘regresso a Keynes’ ajudar-nos-á a perceber, por outro lado, quais as razões que justificam que os círculos dominantes na social-democracia europeia (que ajudou a ‘matar’ Keynes, durante muito tempo considerado – ele, que nunca foi sequer membro do Partido Trabalhista – o autêntico ‘papa’ do «socialismo democrático») continuem hoje a desejar que Keynes se mantenha morto e bem morto, argumentando sempre que «ninguém pode fazer política contra os mercados» e que não há alternativa (Thatcher *dixit*) ao capitalismo e ao neoliberalismo.

Ficaria muito feliz se os leitores me viessem dizer, um dia destes, que não estou enganado.

Coimbra, Janeiro de 2016

António Avelãs Nunes